



e-ISSN 2675-2816

“GÊNERO NEUTRO” PELA “ANTROPOLOGIA DA LINGUAGEM”, COM ÈMILI BENVENISTE

“GENDER-NEUTRAL LANGUAGE” THROUGH THE “ANTHROPOLOGY OF
LANGUAGE”, WITH ÈMILI BENVENISTE

Ernando Nunes Cabral Filho

Graduando do curso de Letras-Língua Portuguesa, UFAL-Campos do Sertão, Delmiro
Gouveia (AL).

ernandonunes@outlook.com

Resumo:

A neutralidade de gênero é um tema polêmico e que está em voga nas discussões do meio acadêmico e também na sociedade. Assim, a ideia deste ensaio é situar acerca do ponto de vista de diversos especialistas que trabalham com a língua e a gramática, a respeito da denominada “linguagem neutra”, ou especificamente sobre “gênero neutro”. Desse modo, este ensaio se embasa nos estudos de Èmile Benveniste, através de Santos Filho (2012), na compreensão da “Antropologia da Linguagem”, visando compreender como a proposta desse linguista, seguidor de Saussure, o pai da linguística moderna, ajuda-nos a refletir sobre o “gênero neutro”. Entretanto, na discussão, também temos o posicionamento de Bagno (2001; 2019), acerca do preconceito linguístico, de Viscardi (2020), trazendo novos olhares sobre o sistema gramatical de gênero na língua portuguesa, e de Borba (2020), desconstruindo a noção de “genérico masculino” como não marcado.

Palavras-chaves: Gênero Neutro. Antropologia da Linguagem. Èmile Benveniste.

Abstract:

Gender neutrality is a controversial topic that is in vogue in academic and social discussions. Thus, the idea of this essay is to situate the reader regarding the point of view of several experts who work with language and grammar, regarding the so-called “gender-neutral language”, or specifically about “gender-neutral pronoun”. Thus, this essay is based on the studies of Èmile Benveniste, through Santos Filho (2012), in the understanding of the “Anthropology of Language”, aiming to understand how the proposal of this linguist, a follower of Saussure, the father of modern linguistics, helps us to reflect on the “neutral gender language”. However, in the discussion, we also have the position of Bagno (2001; 2019), regarding linguistic prejudice, of Viscardi (2020), bringing new perspectives on the grammatical system of gender in the Portuguese language, and of Borba (2020), deconstructing the notion of “generic masculine” as unmarked.

Keywords: Neutral Gender. Anthropology of Language. Èmile Benveniste.

Introdução

A língua sempre foi alvo de polêmicas ao longo da história. Nesse sentido, mais do que um processo de interação, muitas instituições e grande parte da população acabam tornando a língua um instrumento de repressão e imposição da dita “normatividade” linguística. Assim, a polêmica linguística da vez diz respeito ao uso do “gênero neutro” na vida social e nas escolas, sob a forma de preocupação das noções da linguagem neutra na comunicação oral e escrita.

Mas o que é “gênero neutro”? A discussão começa quando se formam duas ou mais vertentes acerca do que definimos como “linguagem neutra”. No que tange à gramática normativa, regida pelas regras da língua portuguesa atual, temos a neutralidade representada pelo genérico masculino, conforme discute Jamilk (2020), doutor em Letras, *youtuber* e defensor da perspectiva da língua padrão. Isto é, para esse professor, quando a língua portuguesa derivou do Latim, que previa três definições de gênero, quais sejam, masculino, feminino e neutro, houve uma fusão entre masculino e neutro, por causa de algumas semelhanças de estruturas morfossintáticas. A exemplo disso, a palavra “menin-o” não marcaria gênero, seria de marcação neutra, porque seria de marcação genérica, através do uso de “-o”, e a palavra “menin-a”, teria em “-a” a única marcação de gênero existente na língua portuguesa, o feminino, conforme os ideais gramaticais normativos e linguísticos modernistas, tal como explica-nos Viscardi (2020), a partir da argumentação do linguista Câmara Jr.

Para pensarmos mais sobre o masculino genérico, podemos trazer à tona as ideias de Borba (2020), sobre linguagem neutra, em palestra ministrada no V Simpósio Nacional e Internacional de Discurso, Sociedade e Identidade (SiDIS). Borba (2020) adentra no debate para desconstruir a justificativa de que a língua portuguesa já possui “neutralidade” em sua gramática, devido ao uso do masculino genérico, conforme pontuei anteriormente. Esse linguista (queer) aplicado afirma que essa noção de neutralidade “apagou” a real conotação sexista presente na gramática.

Ele exemplifica sua posição através de dados históricos, a partir dos quais podemos compreender que a língua dita “neutra” (no caso do masculino (genérico)) na verdade possui sim conotação sexista. Para tal, usa o exemplo da ativista política francesa Olympe de Gouges e do literata – também francês – Claude Favre de Vaugelas. Conforme explica, Gouges foi contrária à Declaração dos Direitos Universais do Homem e do Cidadão, contestando a noção, defendida por Vaugelas, de que o gênero masculino na gramática latina era superior em relação ao gênero feminino. Para Borba (2020), “Assim, a escolha do masculino nobre tem uma escolha não linguística, mas sim social.”. Ele também usa a fala da linguista Caldas-Coulthard para demonstrar como o meio acadêmico vem, ao longo dos anos, sustentando um discurso fechado de que a escolha do masculino genérico foi apenas “efeito do acaso”.

Pautadas na explicação de caráter “histórico”, como a de Jamilk (2020) antes mencionada, muitas pessoas, incluindo aí especialistas, argumentam que não há necessidade de um “gênero neutro” em língua portuguesa, já que o masculino, “-o”, está servindo a esse propósito. Por outro lado, o “gênero neutro”, como em “menin-x”, “menin-@” ou “menin-e” é idealizado como uma resposta a essas noções de normatividade gramatical presentes numa língua denominada de “padrão” ou “cultura”. Assim, estamos diante do uso de uma língua com propósitos

identitários, que buscam abranger os sujeitos segregados pela sociedade normativa, já que, a princípio, mesmo a gramática normativa dizendo que não há marcação de gênero em palavras como “menin-o”, não é bem assim que os sujeitos falantes da língua compreendem. Seguindo nesta linha de pensamento, podemos trazer a fala de escritora e pesquisadora Hailey Kaas, exposta durante o evento online FLIPOP 2020, na mesa-redonda “Uma linguagem para todes”. Para ela, é preciso pensar em alternativas para que a linguagem neutra se realize na língua oral, em um processo que está aberto. Outra necessidade, para ela, é que é preciso discutir gênero para além da academia, fazendo entender, do mesmo modo, que há usos linguísticos que se posicionam com caráter machista, ao generalizar todos os sujeitos ao masculino. É preciso, então, para Kass (2020), encarar a linguagem neutra como possibilidades.

Assim, pessoas trans não binárias têm se utilizado de rearranjos morfológicos com função de neutralizar o binarismo de gênero, como os anteriormente mencionados, para romper com o paradigma binário, machista, sexista e transfóbico dos usos língua. Neste sentido, “menin-e”, por exemplo, é um rearranjo linguístico-discursivo que serve a esse fim. Entretanto, para uma parcela mais conservadora da sociedade, esse rearranjo é visto como uma tentativa de dominação ideológica da chamada “esquerda comunista”. Essa parcela conservadora faz-se presente nos meios políticos, sociais e econômicos, utilizando-se da língua para impor noções preconceituosas de como os sujeitos devem falar e ser. São, na verdade, grupos de extrema direita, que embasam seus discursos e ações em doutrinas patriarcais e tirânicas, utilizando-se da ideia de defesa da língua para construir uma sociedade engessada e de moldes que abarcam apenas uma forma de ser e existir. O sujeito idealizado por tais grupos é binário, fechado em noções ideológicas advindas de um patriarcalismo religioso estrutural. Em outras palavras, para esse grupo, só podem existir os ditos machos e as fêmeas.

Porém, há outra parcela da sociedade que utiliza e apoia o uso do “gênero neutro” e o veem como uma forma de resistência e combate ao preconceito e conservadorismo que recaem sobre as minorias à margem da sociedade. Esse grupo é formado pelas minorias sociais LGBTQIA+, que lutam, há muito tempo, para tornar a sociedade um espaço mais inclusivo e seguro de se viver. Essas pessoas, por compreenderem que os sujeitos se constroem na língua, buscam utilizar a própria gramática como instrumento de resistência. Para tal, os movimentos que apoiam a inclusão do “gênero neutro” no uso da gramática buscam trazer a conscientização, principalmente para o âmbito da educação. Nesse sentido, conforme argumenta Borba (2020),

A linguagem neutra problematiza, questiona a naturalização e a legitimação da cisgeneridade, que é uma das ideias mais naturalizadas em nossa sociedade. O que interessa é estudar os discursos do que pode ou o que não pode na língua, ou seja, as ideologias linguísticas. (BORBA, 2020).

Nessa discussão, é ao pensar o gênero neutro e sua relação com o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa na educação básica que se instaurou uma polêmica, no Brasil, nesse final de 2020. Uma das discussões sobre “linguagem neutra” se deu após o Colégio Franco-Brasileiro, do Rio de Janeiro, resolver adotar

a neutralidade do gênero dentro das suas relações internas, o que acabou gerando uma gigantesca polêmica acerca do uso da língua, no meio acadêmico, social e jornalístico. Para dar embasamento à discussão, os meios jornalísticos se utilizaram da fala de especialistas em linguística com visões divergentes acerca do assunto.

Para discutir acerca da temática, a repórter Giuliana de Toledo, da revista *Época*, em 20 de novembro de 2020, trouxe Cristine Gorski Severo (UFSC) e Aldo Bizzocchi (USP), especialistas no estudo da língua, para ampliarem os horizontes acerca do tema da neutralidade de gênero. Na entrevista, disponível em <https://encurtador.com.br/biMgY>, fica claro como Severo e Bizzocchi divergem em suas visões sobre a linguagem neutra. Primeiramente, para Bizzocchi (2020), a ideia de que a língua é machista é um mito, e para defender seu argumento utiliza-se do exemplo do “masculino genérico”, como derivado do Latim, exemplificando que a língua portuguesa já possui a dita “neutralidade de gênero” em seu sistema gramatical. Em contrapartida, Severo (2020) vê essa desconstrução do conceito de masculino genérico como uma resposta dos movimentos que utilizam a língua para reafirmações de gênero e sexo. Para a pesquisadora, em suas próprias palavras, “O que vemos é a língua respondendo à dinâmica social, e esse é o movimento próprio da língua.” Ou seja, é um movimento que transcende as noções puramente lógicas da língua, adentrando nas relações entre língua e sociedade.

O colunista Reinaldo Polito, da página sobre economia do site UOL, também trouxe a fala do professor Sérgio Nogueira e da doutora Edna M. B. Perrotti para a discussão, em <https://economia.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/reinaldo-polito/2020/11/24/o-que-voce-acha-dessa-historia-de-falar-amigues-bonites.htm>. Nogueira duvida que a ideia de “impor” o rearranjo identitário do gênero neutro funcione, já que, segundo ele, as mudanças na língua devem ser naturais e não artificiais. Segundo defende: “Não vem de fora para dentro, já que não se criam regras para que as pessoas falem corretamente. Nós é que criamos as regras a partir do bom uso” (Nogueira, 2020). Seguindo nessa linha de pensamento, Perrotti também concorda com Nogueira, ao colocar as mudanças da língua como sendo frutos de uma evolução natural. Para além disso, a pesquisadora argumenta que para que haja uma real neutralização do gênero dentro da gramática, deveríamos repensar o uso dos artigos e não das terminações. Ela dá o exemplo de “menin-e” e diz que para a neutralização ser efetiva o falante deve usar o artigo “e” ao invés de “o” ou “a”, ficando “e menino bonito”. Deste modo, tanto Nogueira (2020) quanto Perrotti (2020) acreditam que há um equívoco no movimento de “neutralização do gênero” e argumentam que seus adeptos confundem gênero sexual com gênero gramatical.

Outro veículo jornalístico que adentrou na discussão foi a revista radiofônica *Morning Show*, da Jovem Pan, programa televisivo onde seus comentaristas trouxeram opiniões acerca da questão. Apesar de Paulinha Carvalho, Edgard Piccoli e Vinicius Moura possuírem opiniões contrárias ao implemento do “gênero neutro” na gramática da língua portuguesa, mostraram entender o motivo pelo qual as comunidades utilizam esse rearranjo em seu vocabulário. Porém, o comentarista Adrilles Jorge se mostrou radicalmente contrário à noção de neutralidade do gênero. Esse jornalista argumenta que essa noção é puramente equivocada, insinuando que há um forte cunho ideológico por trás do movimento. Mais do que isso, ele argumenta que muito do analfabetismo presente no país é devido a um ensino “pseudo-progressista” de esquerda, munido da tal “ideologia

de gênero”. O comentarista, então, sustenta que esses movimentos estão criando uma geração de analfabetos funcionais com disfunção sexual.

Por mais incrível que pareça, esse posicionamento conservador – claro que não tão agressivo e desrespeitoso – é perceptível na fala de Evanildo Bechara, renomado gramático e filólogo brasileiro, em uma entrevista que ele concebeu à revista *Veja*, no ano de 2011, sobre outra polêmica sobre usos linguísticos, mas que pode sem qualquer receio ser mobilizada para a polêmica atual. Bechara (2011) acredita que seus colegas de estudo da língua estão equivocados ao pensar que a norma gramatical padrão é, de alguma maneira, segregadora. Segundo o gramático, essas acusações contra a gramática normativa, fundadas na sociolinguística, são uma “ortodoxia política que subverte a lógica em nome de uma doutrina”. Na visão de Bechara (2011), a língua/gramática padrão deve ser disseminada no meio escolar, já que, para ele, é o aprendizado da gramática normativa que vai fazer com que o sujeito possua “oportunidades” de ascender socialmente.

Esse pragmatismo acerca da língua, apesar de ser muito difundido no meio acadêmico, também é questionado por uma parcela da comunidade linguista. Bagno (2001), por exemplo, vai de encontro a Evanildo Bechara, no que diz respeito ao domínio da língua padrão ou mesmo da língua culta como um meio de ascensão social. Bagno (2001) diz que

(...) se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles dominam a norma culta. Só que a verdade está muito longe disso como bem sabemos nós, professores, a quem são pagos alguns dos salários mais obscenos de nossa sociedade. Por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que seja dono de milhares de cabeças de gado, de indústrias agrícolas e detentor de grande influência política em sua região vai poder falar à vontade sua língua de “caipira”, com todas as formas sintáticas consideradas “erradas” pela gramática tradicional, porque ninguém vai se atrever a corrigir seu modo de falar. (Bagno, 2001, p. 69).

Em um outro estudo, ainda versando sobre o preconceito linguístico, Bagno (2019) argumenta a favor de uma língua que não esteja presa aos moldes segregadores da norma culta. O sociolinguista discute como, para uma grande parcela da comunidade linguista – Evanildo Bechara e Pablo Jamilk se enquadram nessa parcela – os estudos da sociolinguística são um “vale tudo”, com uma conotação de “falta de seriedade”, já que, supostamente, não conseguem decidir o que é “certo” ou “errado”. Essa concepção é contra-argumentada por Bagno (2019), quando diz que “O lema da nossa bandeira é: Toda língua varia no espaço e muda com o tempo” (Bagno, 2019, p. 13). Através destas palavras, esse linguista assume um posicionamento corajoso e extremamente necessário, visto que uma grande parcela da sociedade tende a ficar do lado do conservadorismo linguístico/gramatical. O autor vem com a força de romper os moldes fascistas que usam a língua para reprimir, segregar e silenciar as minorias.

Percebemos, então, que há muito conservadorismo no debate sobre a língua e a gramática. Mesmo tendo muitos pesquisadores e muitas pesquisadoras apresentando visões mais compreensíveis acerca dos movimentos que buscam aderir a novas formas de pensar a norma culta, incluindo aí os usos do gênero neutro, a grande maioria ainda está muito apegada a regras e a normas que tangem o estudo da língua, filiando-se a uma abordagem mais “normativa”.

Deste cenário de discussão, a disciplina de Linguística Aplicada, no curso de Letras, na Universidade Federal de Alagoas, Campus Sertão, ministrada pelo professor doutor Ismar Inácio dos Santos Filho, no Período Letivo Excepcional (PLE), em 2020, forneceu-nos alguns embasamentos teóricos que possibilitam-nos assumir um posicionamento menos dogmático frente a essa polêmica, que tomou conta do ambiente virtual nas últimas semanas no Brasil. Como proposta da disciplina, debatemos como a língua e a gramática podem ser mais inclusivas com as comunidades que sempre estiveram às margens da sociedade, especificamente às pessoas trans não binárias.

Agora, compreendemos que, se seguirmos à risca as regras da língua padrão, ou mesmo da língua culta, podemos dizer que a proposta do rearranjo do gênero neutro, como em “menin-e”, não cabe na língua – dentro desses pressupostos da gramática normativa – já que esta não admite mudanças em seu padrão. Como mencionado por muitos do(a)s especialistas entrevistado(a)s pelos veículos jornalísticos que adentraram na discussão, o “gênero neutro” existe na língua portuguesa a partir do momento em que essa é derivada do Latim e está no “masculino genérico”.

Por outro lado, entendemos que o gênero neutro não se dá como uma imposição. Ele é apenas mais uma forma de inclusão. Nesse sentido, a neutralização de gênero gramatical consiste em um conjunto de operações linguísticas voltadas ao enfrentamento do machismo e do sexismo no discurso, à dinâmica social, e esse é o movimento próprio da língua. Portanto, a neutralidade de gênero se manifesta no nosso cotidiano quando empregamos seu uso diariamente, principalmente nas redes sociais, meio de extrema importância na construção da comunicação entre os sujeitos de nosso tempo. Assim, com a frequência que é empregado, estamos trazendo o gênero neutro, nesse outro rearranjo morfológico, para o nosso Português.

Agora, que fomos situado(a)s sobre a polêmica envolvendo o gênero neutro, como também as diversas opiniões e facetas que abarcam o assunto, discutimos acerca da proposta de estudos linguísticos de Èmile Benveniste, a partir de Santos Filho (2012). Nosso objetivo, então, é compreendermos como as ideias desse linguista pode agregar ao debate sobre a neutralidade de gênero em língua portuguesa.

Èmile Benveniste e a “Antropologia da Linguagem”

Quem foi Èmile Benveniste? Adentrando em seus estudos, podemos compreender que esse linguista buscou ampliar a discussão saussuriana acerca do funcionamento da língua, e, através de seus estudos, buscou ampliar o modo como a língua era vista e pesquisada, principalmente a partir de determinados deslocamentos seus das noções estruturalistas de Ferdinand Saussure, o pai da Linguística Moderna. Ferdinand Saussure compreendia e estudava a língua como

um sistema autônomo, em si e por si só, como explica Santos Filho (2012, p. 19). Para esse linguista, a linguística de Ferdinand Saussure procura ver a língua “em sua ordem interna, excluindo, então, tudo que é da ordem externa ao sistema, como a fala e o sujeito, o social, a história etc.”. Benveniste, então, se opõe à noção de que a língua é um sistema que descarta o contexto e o sujeito. Para esse linguista francês, é essencial que a realidade seja compreendida na hora de entender como a língua está funcionando, já que sem realidade não haveria sujeito e, conseqüentemente, não haveria língua.

Tal como informada por Santos Filho (2012), a proposta de Èmile Benveniste é a de criar uma “Antropologia da linguagem”, na qual a língua passa a ser vista como muito mais do que apenas um instrumento de comunicação. Nessa abordagem, a língua passa a ser vista como uma forma de significar e construir contextos. Nesse sentido, para esse linguista, o sujeito é valorizado, com todas as suas vivências e subjetividades.

Èmile Benveniste propõe que é na língua que se constrói o “eu”, pois, para além de comunicar, a língua é uma prática social, na qual interessam as relações inter-humanas. Para ele, a língua significa, inova, protesta e evolui. Para ele, o sujeito enuncia, e enunciar é falar: é falar sobre si, é “manifestar-se”, “construir-se”, “exprimir-se”, “declarar-se”. Segundo argumenta, a linguagem existe para significar e os efeitos de sentido gerados no uso da língua constroem a realidade que nos cerca. É graças a esse conceito que Èmile Benveniste é conhecido como o “pai” da enunciação.

Sendo assim, através das reflexões de Benveniste, ampliamos os horizontes acerca do funcionamento da língua e passamos a entender que falantes utilizam a criatividade dentro da língua para repensar a forma como os sujeitos estão sendo aí construídos. Quando Santos Filho (2012, p. 27) explora a noção de Benveniste acerca dos pronomes pessoais em terceira pessoa, a exemplo de “ele”, “ela”, “eles” e “elas”, acabamos por compreender que essas são formas subjetivas da gramática, já que não remetem a outras pessoas e sim a um objeto fora da alocação. Deste modo, os pronomes pessoais são colocados “como ‘pontos de apoio’ que revelam a subjetividade na linguagem”. Assim, a partir do momento em que a “terceira pessoa” se refere a uma “não-pessoa”, o significado de tais pronomes estará à mercê do jogo de sentidos à medida que os sujeitos enunciam.

Para exemplificar, Santos Filho (2012, p. 22-23) traz um exemplo utilizando um trecho de fala da Turma da Mônica, no qual as personagens Mônica e Cebolinha dialogam sobre um jogo de xadrez. Neste diálogo, Mônica diz o seguinte “Eu sempre achei xadrez um jogo de pessoas inteligentes! E sei que você é muito inteligente, apesar de tudo”. Nesta enunciação, vemos como a personagem constrói a si mesma, constrói Cebolinha, constrói o mundo e também constrói o tempo-espaço. Ela situa um mundo de sentidos acerca da interação e convívio com Cebolinha. Isso é enunciar, tendo os pronomes como construtores dessa realidade.

Compreendendo a forma como Benveniste enxergava e teorizava a língua, podemos a partir de sua abordagem refletir sobre o gênero neutro em língua portuguesa, através da seguinte compreensão: a neutralidade do gênero não está vindo como uma forma de destruir a Língua Portuguesa, mas sim de incluir nessa língua os sujeitos que sempre foram deixados à margem, pois, segundo esse linguista, é através da língua que os seres humanos constroem o outro e, conseqüentemente, se constroem. A partir do momento em que as comunidades e minorias segregadas pelo sistema rearranjam a língua em prol da inclusão e

resistência, elas estão enunciando. Nesse sentido, o gênero neutro é um manifesto como uma forma de resistência às normatividades conservadoras que sempre estiveram impregnadas na língua, sob a perspectiva gramatical.

Por fim – e claro que essa discussão não se encerra aqui – percebo que devemos repensar a maneira como encaramos a língua e seu sistema gramatical, reforçando a importância de se discutir a inclusão dentro do fazer linguagem. Diferentemente do que se prega na abordagem gramatical normativa, a ideia de uso de gênero neutro, com o morfema “-e”, em “menin-e”, por exemplo, não é “assassinar a língua” ou “destruir a gramática” e sim compreender que a língua é um recurso por meio do qual os sujeitos se constroem. Como apontado por Santos Filho (2012), através dos estudos de Benveniste, os sujeitos enunciam e ao enunciarem estão expressando/construindo o ser, pela produção de sentido com os usos linguísticos.

Considerações finais

A ideia de uma linguagem neutra, de um gênero neutro, em língua portuguesa, tem gerado uma grande discussão, já que algo tão essencial quanto à língua faz parte do dia a dia de todas as pessoas. E é graças a isso que nós, que pesquisamos sobre língua, devemos nos atentar em relação ao posicionamento assumido nessa polêmica. Tal como aprendemos com Benveniste, os sujeitos usam a língua para construir a realidade e os contextos em que habitam, cabendo aos/às linguistas estudarem como essa construção se desenvolve, sem fazer juízo de valor. Nessa compreensão, entendemos que muitas das comunidades que usam o gênero neutro enxergam esse rearranjo gramatical como uma forma de protestar e transgredir o preconceito que as afeta há muito tempo, e elas estão corretas.

A língua, assim, mais do que um instrumento de comunicação, é um recurso de significação, pois, ao enunciarmos, estamos numa constante construção de sentidos, sejam eles para repercussão social, cultural, econômica ou política. A língua é, pois, uma “ferramenta” intrínseca às necessidades dos seres humanos. É através desta língua que entendemos e definimos a nossa realidade. Podemos, nessa finalização, dizer que, durante muito tempo, a língua foi instrumento de construção de mundos segregadores, mundos que apenas admitiam sujeitos que se construíssem na dita “normatividade”, linguística e social.

Referências

MORNING SHOW. “Queridos alunes”: colégio no RJ causa polêmica com circular sobre linguagem neutra. *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xZm8WDU3Dck>. Acesso em: 18 dezembro 2020.

BOBRA, Rodrigo. Linguagem neutra, ansiedades cisgêneras e a pragmática da recusa. *Youtube*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BQ_PGwHFvLg&t=2938s. Acesso em: 21 dezembro 2020.

BAGNO, Marcos. **Objeto Língua**. São Paulo. Parábola, 2019.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: edições Loyola, 2001.

FLIPOP: Uma linguagem para todos. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ERLrqGY-3jU> . Acesso em: 20 dezembro 2020.

GIMENES, Henrique. **Pais decidem se unir contra o “gênero neutro” em escolas**. Pleno.News, 2020. Disponível em: <https://pleno.news/brasil/cidades/pais-decidem-se-unir-contr-o-genero-neutro-em-escolas.html?> . Acesso em: 5 novembro 2020.

POLITO, Reinaldo. **O que você acha dessa história de falar amigas bonites?** UOL, 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/reinaldo-polito/2020/11/24/o-que-voce-acha-dessa-historia-de-falar-amigues-bonites.htm?>. Acesso em: 18 dezembro 2020.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio. Para além da Dicotomia, Conjunção e Deslocamento, Enunciações e Funções: Benveniste Jakobson. In. **Fundamentos da Linguística II**. Ismar Inácio dos Santos Filho. Maceió: UAB – Universidade Aberta do Brasil, 2012, p. 18-39.

TOLEDO, Giuliana de. **Linguistas discutem a neutralização do gênero gramatical**. ÉPOCA, 2020. Disponível em: <https://epoca.globo.com/sociedade/linguistas-discutem-neutralizacao-do-genero-gramatical-1-24757293#>. Acesso em: 6 novembro 2020.

VEJA. **Em defesa da gramática**. São Paulo: Editora Abril, 01 jun. 2011. p. 21-25.

VISCARDI, Jana. **3 perguntas sobre gênero em português**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bJWaU3dL9GU&list=WL&index=18> . Acesso em: 19 dezembro 2020.

Delmiro Gouveia (AL), 13 de dezembro de 2020.